

Dose

Ronaldo Pequeno

Este livro é dedicado ao ano de 2017, o ano mais insano da minha vida.

Dose é um termo usado entre usuários de opiáceos para se referir ao produto, normalmente injetado na veia. Morfina, ou melhor, elixir paregórico, em outro momento, heroína. É sobre isso a história.

Creio que seja importante salientar que nunca me dosei. Este livro nasceu das experiências de outras pessoas com a droga, embora absolutamente nada que aconteça neste livro tenha acontecido na vida real.

Leitura não recomendada para menores de 18 anos. O conteúdo deste livro é de caráter extremamente perturbador e requer estômago forte. Isso para dizer o mínimo.

R.

“Junk turns the user into a plant. Plants do not feel pain since pain has no function in a stationary organism. Junk is a pain killer. A plant has no libido in the human or animal sense. Junk replaces the sex drive. Seeding is the sex of the plant and the function of opium is to delay seeding.

Perhaps the intense discomfort of withdrawal is the transition from plant back to animal, from a painless, sexless, timeless state back to sex and pain and time, from death back to life.”

— **William S. Burroughs, Junky**

1 - O Começo

As mãos seguraram o pincel, molhando na tinta da cor que queria fazer os contornos. Começou a desenhar numa parede em branco, lentamente, desenhando com cuidado cada contorno. Não desenhou formas reais que representariam coisas do mundo físico, desenhou contornos e linhas que se encontravam e desencontravam. Curvas, círculos dentro de círculos, espirais de encontro a espirais, tudo num sincronismo único. Uma linha levava a outra, um contorno sempre se expandia em dois e depois em três, pouco a pouco cobrindo o espaço em branco da parede. Passou uma hora, antes que percebesse já havia passado duas. Terminou apenas quando viu que não havia mais espaço na parede. O que era branco agora era uma série de belas curvas cruzando entre si. O rapaz denominado por si e pelos seus de Zigoto olhou e percebeu que precisava de cores. Pegou das latas de tinta colorida e as abriu, molhando vários pincéis, um de cada cor diferente. Cada fresta deixada entre o intervalo de uma linha e outra deveria ser preenchida com uma cor. Poderia misturar as cores e ver no que dava. Ele sabia no que dava se misturasse, não era a primeira vez

que fazia aquilo, sabia muito bem no que tal cor misturada com tal cor dava. E assim fez. Não deixou uma parte em branco. Sem que percebesse, mais uma hora e meia que se passava. Ao terminar de pintar o último canto da parede, deixou o pincél cair de sua mão. As mãos sujas. Olhou-se no espelho por um segundo, mal viu a tinta se misturando ao suor de sua testa. Por fim, olhou sua criação na parede. Admirou cada detalhe. Olhou com fascínio cada linha que sua mão produziu. Apenas suas mãos poderiam produzir coisa assim. Zigoto andou até um canto e pegou da marreta. Sem pestanejar, bateu na parede, rachando o concreto. Depois bateu mais forte, era uma daquelas marretas que se usa em obra para quebrar paredes mais resistentes que aquela. Zigoto pôs abaixo a parede com todas as curvas e contornos juntos. A poeira subiu. Parou apenas quando só havia um monte de concreto espatifado no chão. Zigoto deixou o martelo cair de sua mão e sorriu.

2 - Ágda

Pi pi pi pi, despertador, levanta.

Putá merda.

Abre os olhos. Tenta fechá-los. Não vou conseguir mais dormir, tomar no cu, quero morrer. Levanta. Agora levanta mesmo. Olha as horas. Mesmo horário de sempre. Odeio segunda-feira. Caminha ao banheiro. Lava o rosto. Olha-se no espelho.

- Você é linda. Linda! Não deixe ninguém te fazer acreditar no contrário.

Ela encara diretamente para as próprias pupilas refletidas no espelho ao dizer isso. Nota as remelas. Lava mais ainda o rosto. Repete consigo mesma o mantra de otimismo. É isso ou então a agulha. Nem pense nisso mais. Já está quanto tempo limpa? Hoje é dia 2, então... três dias. Três dias limpa. Aquela foi a última vez, o último baque. Ágda faz suas necessidades matinais, toma um banho com água fervendo, contorcendo o corpo na quentura da água. Tenta não pensar, mais uma enxurrada de coisa pra fazer hoje, tenho que ir lá no centro trocar meu celular, porra. Ela passa shampoo, quem sabe hoje os clientes não estejam tão chatos, HAHHAHA, era pra rir?

Acorda sempre antes de todo mundo. Melhor assim. Essa casa sempre fica melhor quando tá todo mundo dormindo. Ágda se veste, vai à cozinha, prepara o café. Nem questiona mais como consegue tirar forças para fazer qualquer coisa antes de tomar café. Mas é aquela coisa, o café não se faz sozinho. Tô gorda, redonda de gorda. Eu podia merendar usando meus peitos de bandeja pra colocar comida. Ela se senta, põe a manteiga no pão, é tudo automático, sua cabeça ainda está na cama e nos dias que vieram antes, principalmente naquele dia não muito distante em que teve aquele lindo baque. Nesses últimos dias, o braço tem coçado um pouco. Pode não ser nada, mas há quanto tempo faz isso? Sem falar que é a última vez que quero ver a cara daquelas pessoas, só gente patética nesses rolê de dose. O Danilo fica pegando corda nas besteiras que a Talita diz. O Zigoto é um pau no cu, lixinho. O Paulinho nem olha mais na minha cara, a namorada dele me odeia e com razão. E o Levi e a Sara, meu Deus, ela é de boa mas ele budeja tanto, só fala merda. Bebe do café. Droga, esqueci do açúcar, quem em sã consciência esquece de botar açúcar no café? Procura. Ai Jesus, cadê o açúcar? Ai não, e se a mamãe tiver comprado só

adoçante de novo? Ai não, não, puta que pariu vai tomar no cu Deus, me mata agora! Bebe sem açúcar. Antes azedo que com adoçante.

Esse celular só tem prestado pra ouvir música e olhe lá. Cadê os fones? Pronto, tudo aqui. Pega a bolsa. Coloca nas costas. Sai. Tranca a porta com a sua cópia da chave. São sete horas da manhã, o dia está claro, muito claro, parece que não tem uma nuvem no céu, dia bom pra acordar de bom humor, Ágda se pergunta se vale a pena dar meia volta e não sair mais de casa. Lembra dos tempos de ouro. Opa! Melhor abafar esses pensamentos. Que música temos para começar o dia? Tame Impala. Morre! Ágda ouve com os fones de ouvido no máximo, caminha até a parada e espera o ônibus. Estar consciente é uma coisa muito difícil, reflete. A música ajuda a desenrolar um pouco a natureza de seus pensamentos e a confortar melhor os sentimentos relacionados a esses pensamentos, mas isso não significa que eles não estão lá. Estar vivo é a pior maldição que alguém pode sofrer, pensa enquanto balança a cabeça no ritmo do som. A existência da raça humana é um erro. Um mundo perfeito é um mundo sem seres humanos. O ônibus chega, isso distrai um pouco as reflexões de Ágda.

Trabalhar em call center pode ser muito gratificante desde que você ignore os clientes. Ágda está neste emprego há quase três anos e eis o que isso já causou ao seu corpo:

1. Primeiros sintomas de surdez
2. Hábitos extremos para conter o estresse como consumo excessivo de cafeína e outras substâncias
3. Depressão nervosa

Isso já seria o suficiente para fazer uma pessoa se demitir. Mas o que mais sabia fazer da vida? E afinal, sempre que algum cliente chato começa a contar a história da sua vida basta colocar no mudo. E do que seria de Ágda sem os intervalos?

Ela vai ao pátio. Hora do intervalo, hora pra ficar de boa. O Clodoaldo tá lá bolando um, ele fica dando em cima da Ágda desde que ela entrou, nunca conseguiu pegar, já deu uns beijo, mas ela nunca quis ir mais longe que isso. Pelo menos ele sempre bota o dele, o que pode ser até tentador já que ele tem altos contatos, mas não, Ágda podia conseguir droga boa sem precisar vender o corpo.

- Olá, garota! – ela sorri em resposta ao cumprimeiro.

- Oi, gato. Posso dar um dois?

- Deve.

Ela puxa. Isso. Sopra. Vai dar pra ficar de boa. Pelo menos pra não ficar tão estressada quando tiver cliente gritando.

- E aí, como é que tá as coisa?

Três anos de relação de trabalho e os papos não saem da superficialidade.

- Tá tudo bem. E você?

Não, eu não devia ter perguntado isso, agora ele vai ficar falando dos problemas dele em casa.

- Tô de boa, só a minha mulher que tá cada dia pior.

Vai se foder, até chapada esse menino me estressa.

- Poxa, que barra. – pronto, essa é a minha deixa pra voltar ao trabalho e não ouvir mais lenga-lenga.

- Pois, tô achando que ela tá me traindo mesmo, eu já sei até com quem. Mas tipo, eu acho que... – Foda-se, foda-se, foda-se, eu não quero saber da tua vida, deixa eu dar mais um trago pra ver se a tua boca para de formar palavras.

Dá mais um puxo. Esse foi mais forte. Até tosse um pouco. Fecha os olhos e deixa subir pra cabeça. Culpa. Acho que a essa altura a Lane sabe que não tô ficando só com ela. A qualquer momento ela vai querer falar comigo pedindo satisfação e eu vou me fazer de doida porque é o que eu sempre faço. Poxa, mas ela deve tá mal de verdade. Eu só queria conseguir me importar com ela. Sem remorsos. Ela tem que aprender que eu não presto.

- ...mas é só chegar lá e meter o louco, tá ligado?

- Aham. Eu tenho que voltar ao trabalho. Obrigada pelo remédio.

- Disponha. Você sabe que pode ter sempre que quiser. – ele diz isso com um sorriso safado e uma piscadinha de olho. Nossa, ele ainda não desistiu de me comer.

Você pode deixar o corpo concentrado em fazer uma coisa e a mente em outra, sabia disso? Ágda acredita numa coisa chamada piloto automático, é quando você deixa o seu corpo ir conforme ele aprendeu a ir. Isso é claro só se consegue ser feito depois de tempos de prática. Neste momento, por

exemplo, Ágda está “ouvindo” os problemas da cliente Clara Nunes de 53 anos, divorciada, aposentada por invalidez, que não consegue conectar sua internet atrasada dois meses do prazo de pagamento. Enquanto diz vários Aham e Sim senhora, Ágda lembra da sexta-feira. Estava voltando de mais uma entrevista de emprego que sabia que ia ser um fracasso. Ela chega no CH3. E já botam o quê pra ela?

- Mentira que isso é um beck! – diz Ágda ao chegar.

- É sim, gata. Vem curtir com nós.

Quem está na mesa? Pessoas com quem só teve contatos superficiais. Melhor assim. Pode falar o que quiser sem que a desmintam. Nem precisa dizer o que fez segundos antes de aparecer lá. O que Ágda fez agora pouco? Estava no banheiro. Fazendo que necessidade fisiológica? Aquela lá que não envolve mijo e nem merda.

Let's chase a dragon

Ágda balança a cabeça. Não pode pensar no dragão agora, não, por Deus, agora não, calma, deixa pra daqui a pouco, você não quer isso agora, quer? Bem que uma dose agora ia cair bem, caralho, meu braço tá coçando, será que já tô com algum problema

e não sei? Será que eu devia ir no médico?
Tá, mas eu chego no médico e digo Olha doutor eu tenho sentido umas coisas no braço e eu queria saber como faço pra me picar com segurança.

- Aqui no CH3 tão passando miado. Tá vindo uma galera muito esquisita aqui.

- Cara, deixa eu te explicar o que tá acontecendo. – disse Ágda passando o beck para as outras pessoas na mesa. – Antigamente aqui tinha dono. Era tempo bom. Tinha um dono que comandava no morro e esse que comandava era quem passava pra gente. Num belo dia o cara morre. Suicídio. Ninguém sabe por que foi, falaram que era por causa de chifre, dívida, ninguém sabe direito. Deu um tiro na própria cabeça e papocou. Como foi suicídio então foi mesmo que morte natural, pois nenhum inimigo matou, então nem tinha ninguém pra fazer uma vingança, a menos que você matasse o cara que já tava morto por ter se matado né? – Ágda ri, nem todo mundo parece ter entendido a piada. – A questão é, o dia em que o dono do morro se matou foi o dia em que começou a vir galera de outras áreas passar aqui. E ninguém gosta de concorrência. Digamos que uma galera muito paia resolveu que não ia ter

concorrência. Quem passa aqui nas área eles embaçam. Se liga?

- Me ligo.

- Se liga mesmo? Tu vê alguém além deles passando por aqui?

- Não.

- Tu vê alguém passando aqui?

- Eu vejo gente se passando, agora passando não.

- Mah presta atenção. – Ágda pediu por mais um dois do beck, sentia que estava chegando na parte tensa do relato e queria se acalmar, o braço já começava a coçar. – Vocês nunca perceberam que de vez em quando aparece gente aqui pra ficar na poita? Gente pedindo esmola pra comprar crack.

- Sim.

- Demais.

- Pois é. Deixa eu perguntar uma coisa a vocês. Me diz agora se tem algum bicho desses pedindo esmola agora.

- Agora?

- Sim. Conta quantos tem aqui pedindo esmola.

- Vixi.

- Não tem ninguém mais.

- Ninguém.

- Nenhum.

- Não tem nenhum pedindo esmola. Sabe por quê? Essa é a parte tensa, meus amores. Quem compra bagui aqui é burguês. Burguês não gosta de ser incomodado por pedinte. Os traficantes viram que tinha muito pedinte cortando a lombra dos burguês que só queriam usar uma droga em paz. Os traficantes não podiam perder cliente, ainda mais cliente burguês. Sabe o que fizeram? Sabe o que fizeram com cada viciado que pedia esmola por essas áreas?

- Vixi.

- Quero nem saber.

- Meu patrão, só sei de uma coisa, eu não sei é de nada. Mas deixa eu dizer só mais uma coisa. – Ágda olhou para os lados como que por precaução para não ser ouvida. – Quem souber morre.

- Se duvidar, já morreu né.

- Ou já morreu, sim.

- Então, – continuou Ágda pegando o restinho de bia pra dar bolotada mais tarde. – se perguntarem, digam que vocês não sabem de nada viu?

Terminado o beck, Ágda se levanta e vai embora. Pensa um pouco na historinha que acabou de inventar. Traficante que se matou... conta outra. E eles acreditaram mesmo? Ágda olha para as pessoas na mesa e crê que conseguiu convencer cada pessoa ali que a lorota que contou é a mais pura verdade. Percebe que fez sem nem perceber que fazia, às vezes gostava de mentir por aí para saber se era pega na mentira. Fazia não por gosto, era hábito. Chega uma hora que mentir fica fácil. Você mente olhando nos olhos da pessoa e não sente um pingão de culpa nisso. Ágda vasculha rapidamente as outras mesas atrás de gente que possa passar um beck amistoso a ela. Não vê um rosto de alguém que possa ser amigável. Vai embora. Os rostos do CH3, é como o gurizinho lá falou, só uma galera esquisita. Num espaço primariamente universitário você imagina que estudantes sejam os frequentadores primários, não é? Que nada, aqui quem frequenta é outra galera, a maioria dos estudantes passa é longe daqui. Oito horas da manhã vem gente se sentar aqui nesses banquinhos, conversar, tem quem bote um

joguinho de dominó, um baralho. Num dia em que conseguiu atestado médico, Ágda foi para o CH (Central de Humanidades da universidade local) mais cedo que o horário costumeiro. Chegando lá, isso era nove da manhã, tinha só uma mesa com pessoas. Ela se sentou, conhecia aquelas pessoas de vista, não sabia o nome de nenhuma. Eles a cumprimentaram e não a impediram de se sentar junto a eles. Pessoas mais velhas que ela, uma delas era um cara com idade pra ser seu pai, coroa, mas todo malandrão. Ágda não fez nada, não falou nada, só ouviu as conversas e esperou a hora em que alguém botasse alguma coisa pra roda consumir.

- Se lembra do Chiquim? – disse o coroa.

- Lembro. Nunca mais vi.

- Tá na clínica.

- É mesmo é?

- É. Tá lá, recebendo tratamento médico. É mole?

- Onde é?

- Lugar bom. Lá onde eu me internei quando eu era novo.

- Não sabia que você já tinha sido internado.

- Fui sim.

- Faz tempo isso?

- Faz um tempinho, eu tinha uns 28 anos na época. Meu pai pagava dois mil por mês, mas porque era pro cara sair de lá reabilitado.

- E o cara sai limpo?

- Limpo é um termo muito forte, olha aqui eu limpo limpo. Sei que o cara sai gordo e até meio retardado.

- Como é?

- Tô te dizendo, tem nêgo que fica é doido.

E é nessas horas que bate a bad. Ágda se levanta, não quer mais ouvir o resto da conversa. Sai de perto da mesa, já se imaginou internada num lugar daqueles? Alguém ia se importar se eu chegasse no fundo do poço? O braço coça. Preciso falar com ele. Ele quem? O homem que viu Deus.

A cliente Clara Nunes responde às instruções da atendente Ágda dizendo que foi um dos melhores atendimentos ao cliente que recebeu na vida. Ágda sorri e agradece em resposta, morta de satisfeita em desconectar a ligação.

3 - Paulinho.

Durante cinco anos, toda manhã ao sair de casa, o meu velho amigo Danilo chegava pra mim e perguntava:

- E aí, Paulinho. Tá afim de uma dose?
- Todo dia você me pergunta isso.
- E todo dia você me dá a mesma resposta.

Eu sorria e dizia que não queria. Ele seguia seu rumo pra boca e eu ia trabalhar. Tudo que eu mais queria no mundo era acompanhá-lo mas por cinco anos não o fiz. Hoje a Ju quer conversar. Não é como se a gente não conversasse todo dia, ela é minha namorada, namorados conversam, mas hoje ela deixou aquele recado dizendo A gente precisa conversar. Será que ela tá grávida? Tomara. Ela sempre disse que não quer ter filhos mas ela daria uma ótima mãe. Sem falar que só assim meus pais parariam de me perturbar querendo um neto. Semana que vem é nosso aniversário mensal de namoro. Cinco anos e sete meses, isso é uma vida. Uma vida curta, mas ainda uma vida. Preciso fazer uma surpresa. Sei que todo mês faço uma surpresa diferente mas será que alguém pode enjorar de surpresas? Acho que não. Pode

alguém não se surpreender por se sentir surpreso? Eu pergunto o que ela quer conversar, ela diz que tem que ser pessoalmente. Ela tá grávida, só pode, é a única explicação.

Ela olha pra mim. Parece séria. Ela tá linda hoje. Dou um abraço nela. Ela não me beija. Ela sempre me cumprimenta com um selinho. Ela pede um suco e um salgado.

- E aí, meu amor, como é que você tá?

Ela só me olha.

- Tá tudo bem?

- Paulinho.

- Oi, meu amor.

- Eu quero terminar.

O salgado e o suco chegam. Ela começa a comer. Ela come normalmente. Minha mente está em branco. Eu não penso nada. Eu tento. Tento sentir alguma coisa. Sempre imaginei que esse momento chegaria e sempre imaginei como eu reagiria. Ainda assim não me sinto preparado. Ela me olha. Ela quer que eu diga alguma coisa? Eu devia falar alguma coisa? Dizer que isso é uma besteira e tal? É

isso que as pessoas fazem quando não querem terminar um relacionamento, elas lutam. Mas... mas... por que ela quer terminar? Meu Deus, foi alguma coisa que eu fiz? Ela ainda tá sem falar nada, caralho, ela só tá comendo, ela quer que eu diga alguma coisa?

- Ok... Você tá naqueles dias né.

- Não, porra, toda vida é assim, você acha que minha vida é regulada pelo meu ciclo menstrual, droga, faz bem dois anos que não menstruo, graças a Deus.

- Ju, você tá falando sério?

- Sim, você sabe que meu útero é uma merda.

- Não, sobre terminar.

- Ah sim. Lógico que tô. Nunca falei mais sério na minha vida.

- Mas... mas...

- Desculpa, fazia tempo que eu queria isso, mas eu tava com tanta pena de ti.

- Pena?

- Só que eu não aguento mais ficar perto de você. Sério, tu é o cara mais idiota, egoísta, presunçoso, pedante, prepotente, chato, desinteressante, repulsivo, asqueroso, ruim de

cama, pau pequeno, beija mal, feio, conformado, inseguro, burro, reclamão, falso, arrogante, mentiroso, na verdade tu mente mal pra caralho, nem pra ser cafajeste tu serve.

- O quê?

- Meu ex pelo menos sabia esconder as traições de mim.

- Teu ex?

- Sim, meu ex. Eu nunca esqueci ele, na verdade.

- Então...

- E não pense que eu não sei sobre você e a Ágda.

- Eu nunca te traí com a Ágda!

Como ela descobriu?

- Tá tudo bem, não precisa continuar mentindo pra mim, cara. Eu fico muito feliz em poder colocar isso pra fora, faz um bom tempo que tô te traindo.

- Ai meu Deus... eu sabia. Foi com alguém que conheço?

- Alguém que você conhece muito bem.

- Ai não, não, não, não, ele não, qualquer um menos ele. Você me traiu com o teu ex?

- Não, Deus me livre, tá pensando que sou louca?

- Graças a Deus!

- Faz quase um ano que não fico mais com ele.

- Hã?

- Eu tô te traindo com o Danilo.

- Oh...

- Mas não vou mais ficar com ele, esse lance de enfiar troço na veia não é a minha praia.

- O Danilo...

- E eu quero voltar com o meu ex.

- Sério? Mas ele foi um merda contigo.

- Só que ele é mil vezes mais homem do que você. Na verdade, tenho que me encontrar com ele agora. Tchau. Pode pagar a conta pra mim?

Acho que faz umas duas horas que estou deitado neste sofá sem conseguir me levantar.

Ainda bem que ela terminou depois do trabalho, eu não ia conseguir andar até lá no estado que tô agora. Tem um filme, não lembro agora o nome, que o Homem-Formiga chega pro Percy Jackson e fala assim: “a gente aceita o amor que acha que merece”. Eu só aceito amor de merda. Porque é isso que eu sou. Um merda. Esses cinco anos namorando a Ju estão longe de ser o período mais feliz da minha vida, ela era uma pessoa insuportável de se conviver, ciumenta, dissimulada, me cobrava de uma forma que me fazia querer matar ela. E agora tudo que eu quero é um beijo dela, eu sinto que vou morrer.

Telefonei pro trabalho, pedi pra minha mãe pegar um atestado médico, falei que não podia trabalhar por uma semana.

Pedi outro atestado. Um mês de licença agora.

O pessoal do trabalho me ligou. Fui demitido. Eu não sabia que atestado falso podia dar problema.

Vou voltar a morar com meus pais. Tudo bem, eu sempre soube que esse dia chegaria.

São dez horas da manhã, finalmente resolvi sair de casa para dar uma volta. Encontro Danilo, a gente toma umas cervejas e conversa. Ele está bem, terminando o ensino médio, não consigo acreditar no quanto ele é jovem. De certa forma, invejo sua juventude, mesmo sendo só dois anos mais velho. Ele só tá no ensino médio ainda porque é repetente, mora com a mãe divorciada que recebe pensão do marido e passa o dia usando droga na boca. E por alguma razão a Ju acha que eu sou mais digno de pena que esse cara. Hehe, agora seria o momento perfeito pra eu me matar. Saímos do bar de fininho para não pagar a conta. Caminhamos e falamos um pouco sobre os tempos de ouro.

- Os tempos de ouro ainda podem voltar, Paulinho. Depende só de você.

- A velha turma ainda se reúne?

- Toda sexta.

- Hm.

Dou uma olhada rápida em suas veias. Seu braço está um pouco roxo. Comparo com o

meu, limpo como água. Começo a lembrar da época em que meu braço se assemelhava bastante ao de Danilo. Sentamos no banco e fumamos um bagulho. Miado. Mas é tudo que a galera tem passado ultimamente.

- Isso é do solto ou prensado?

- Prensado. Reza a lenda que misturam de tudo nisso aqui, acetona, mijo, até barata.

- Que nojo.

- É só o que a galera passa.

- Não tem mais concorrência?

- Por essas áreas não. E se a gente fumar bagui comprado em outra área, eles embaçam.

- Porra...

- Ainda bem que meu remédio tem em toda farmácia, se liga?

Ele ri. Ele é muito bonito. Eu também me trairia com ele.

- Mas e aí, cara. Como é que foi terminar com a Ju?

- Foi normal. Eh... cara...

- O que foi?

- Tu comeu ela, não foi?

- Sim. Desculpa.

- Tá tudo bem.

Ficamos em silêncio. Minha garganta arde, esse bagui além de ser miado dá um gosto ruim na boca, que merda. No momento eu só consigo imaginar uma coisa que pode fazer eu me sentir menos lixo.

- Danilo.

- Oi.

- Aquele convite ainda tá de pé?

4 - Talita

São oito da manhã, tem aula hoje né, pêdo, vou é porra, morrendo de dor, queria voltar a dormir, sem um pingo de sono, que merda, já faz uns dias que tenho faltado esse curso de dança, queria uma dose, que dia é hoje? Valha, sexta-feira já, puta merda hoje é a despedida do Xaruto, caralho o Xaruto vai embora puta que pariu merda caralho porra cu buceta, para de chorar, PARA DE CHORAR, ai deus eu não posso, eu não posso...

Deixa eu lavar meu rosto aqui no banheiro um instante, espera o que é isso aqui na pia? Mano, isso é uma bia, essa bia não é minha, eu guardo com cuidado todas as minhas bias, de quem é essa bia? Não sei, mas vai ser a da minha bolotada, galera nem pra esconder pala serve, deixando bia jogada por aí. Cadê a garrafinha da bolotada, valha onde foi que deixei minha garrafinha? Sequela muita, será que esqueci em algum lugar? Vixi não, tá aqui na mochila, agora é procurar a tampinha, essa tampinha não é minha, é do Danilo, o Danilo gatinho, ele deve ter esquecido, vou usar enquanto não encontro a minha, deixa só eu separar essa bia aqui, eita tem é muita maconha ainda, povo desperdiça demais, sabe nem valorizar uma bia, bom que sobra pra mim, de quem será essa bia? Ora de

quem mais seria? Do velho, só pode, do meu pai, dele ou da gata dele, esse bicho passa a noite se drogando e depois vem falar de mim, mamãe tá é certa, ela fez foi certo, quem é que quer um homem desses, deixa eu colocar bem direitinho aqui na tampinha, isso, agora cadê o isqueiro, vixi, perdi o isqueiro, emprestei pro Isaque pra ele acender o cigarro e ele não devolveu, típico, queria uma dose, será que vão dar uma dose pra despedida do Xaruto? A gente devia, a gente devia todo mundo ficar dosado em homenagem a ele, caralho eu vou sentir tanta falta dele eu sou um lixo eu quero morrer eu não devia ter nascido eu sou um peso pro mundo eu sou um monte de bosta atrapalhando a vida das pessoas, êba hora da bolotada!

Valha de quem é essa mensagem no celular? É da Ágda, o que essa prostituta gorda quer? “Talita, tu vai pra despedida do Xaruto?”, que merda de pergunta é essa? Essa menina é retardada? Ela deve ter algum problema mental pra me fazer uma pergunta dessas, só pode, puta que pariu como é que uma obesa dessas, uma elefanta, uma jamanta, mastodonte, gorda, gorda que nem conta na Suíça, como é que uma puta dessas

que dá o cu pra mendigo em troca de crack tem a inteligência de me perguntar uma coisa dessas? Será que eu vou pra despedida pro Xaruto? Será que eu vou? Porra, é ÓBVIO que eu vou, sua gorda mazelada metida a descolada, caralho, todo mundo te odeia, galera só anda contigo no rolê porque tem pena de ti, rapariga, pra quê tu quer saber se eu vou pra despedida do Xaruto? Pra tu dar esse xinim cabeludo pra ele de novo? Caralho, eu não devia nem responder, não devia nem responder, pior que eu já sei a razão dessa mensagem, eu já posso até adivinhar, isso é só pra ela querer se meter no nosso rolê de dose, é só isso, só isso que essa criatura quer da gente, se meter no rolê de dose, eu já falei com o Zigoto que não quero mais a Ágda nos nossos rolê de dose, ela não é nossa amiga, ela não é da nossa turma, ninguém tem intimidade com ela, ela só chega, bota o dela e acha que isso vai fazer a gente ser amigo dela, eu sei que ninguém gosta dela e eu sei que ela não gosta da gente, ela só que saber de dose, kenga viciada que chupa pau em troca de pico, deus me livre chegar a esse nível.

Deixa eu responder a mensagem aqui

“Claro, amiga. Bora se encontrar no terminal umas cinco horas.”

Mochila pronta, deixa eu ver mais uma vez se deixei tudo guardadinho aqui, porra, eu não consigo nem dizer um tchau pro Xaruto que fico achando que vai ser o último, saudade trepar, eu vou sentir tanto a falta dele, da pegada dele, a carne dele dentro de mim, caralho, eu já sei que vou chorar muito, merda, já tô chorando, mal me recupero de um choro e já choro de novo, é a minha vida, é isso que eu sou, eu sabia que não ia dar certo, eu sabia, tava bom demais pra ser verdade, eu não nasci pra dar certo, mas agora que parecia que tava dando certo, ele parecia gostar mesmo de mim, ele devia ter alguma coisa de errado pra gostar de mim, porra, eu não aguento, eu tô muito mal, deixa eu ver se tenho alguma rocha (antidepressivo ou ansiolítico) sobrando aqui, ôra se não tenho rocha, uma fluoxetina logo, deixa eu me acabar aqui agora.

Mochila pronta, a fluoxetina vai fazer o que ela tem que fazer, eu vou pra despedida do Xaruto.

- Ágda! Tudo bom!

- E aí, mulher, deixa eu dar um abraço nesse corpinho lindo.

- Vem cá.

- Hmmmm. Ô cabelo cheiroso esse. Tá usando creme novo?

- Eu tô é sem lavar há quase dois dias.

- Sério? Dá nem pra sentir.

- Faz muito tempo que tu espera?

- Acabei de perder um ônibus, só não peguei porque te vi chegando.

- Devia ter pegado.

- Eu ia pegar mesmo, mas tive pena, não queria te deixar sozinha.

Silêncio.

Aquele maldito silêncio constrangedor de quem não tem nada pra conversar puta merda cadê a porra desse ônibus?

- E aí, como é que tá as coisas?

- Tá bem, tá tudo bem. Tô chegando do trabalho, o pessoal tá pegando muito no meu pé.

- Call center deve ser difícil viu.

- E é, só hoje tive que atender umas 200 ligações, sem falar nos chatos que...

Deixa ela falar, deixa ela falar bem muito enquanto eu fico aqui pensando em coisas importantes, tipo o Xaruto, dose, a Barbra Streisand, essas coisas que não posso viver sem, uma coisa que torna a Ágda menos insuportável é que ela sempre fala pelos cotovelos, isso me poupa de tentar me esforçar em manter uma conversa, caramba, ela tá mais gorda que o normal, deve ser abstinência, só que hoje ela tá feliz porque sabe que pode ter dose, eu não tomo uma dose desde sexta passada e falei que não ia me dosar até próxima sexta, que é hoje, então hoje posso me dosar sem culpa, as dosadas de ontem e de terça não valeram. Opa, lá vem o ônibus, minha mãe costumava me deixar de carro nos cantos, mas isso quando eu ia pra shopping com as amiguinhas fazer compras, nem a pau eu ia deixar ela me deixar de carro hoje em dia, ela não ia gostar de ver os lugares que tô indo, se bem que naquela época eu já fumava bem muita maconha, saudades daquele tempo, ir pro shopping com as patricinhas e fumar um na pracinha do North pra depois ir pro cinema assistir um filme bem merda bem chapada, ai ai eu sempre fui fudida

- Oi gente.
- Ó a Talita.
- Ó a Ágda.
- Cadê o Zigoto e o Isaque?
- Não chegaram ainda.
- Oi Sara. Oi Levi.
- Oi.
- E aí.
- Galera que horas o Xaruto disse que ia chegar?
- Ele tá só jantando com os avós dele, disse que precisa se despedir.
- Daí ele vem direto pra cá?
- Sim, a mãe dele vem deixar.
- A minha sogrinha linda né, como não amar? Vocês planejaram alguma coisa pra despedida dele?
- Macho...
- O que tu acha que a gente planejou? Ficar aqui, fumar muita maconha e quem sabe tomar uma dose.

- O de sempre né. Vocês nunca me decepcionam. A gente vai tomar essa dose onde?

- Tem que fazer os corre ainda. Mas se tudo der certo vai ser na casa do Isaque.

- Bom que a gente joga no playstation dele.

- Alguém tem cigarro?

A Ágda sempre tem cigarro na bolsa mas ela nunca dá, filha da puta.

- Eu tenho um Record aqui.

Porra de Record, tá me achando com cara de pedreiro?

- Ô Danilo, você e seus Record.

- Vai querer?

- É óbvio. Vocês querem uma bolotada?

- Tá todo mundo de cara aqui e você vem fazer uma pergunta dessas. Tu acha que a gente vai querer uma bolotada? É claro que a gente quer uma bolotada.

- Eu num tô de cara não.

- Tá brincando né?

- Eu fumei um todinho antes de vir pra cá, desculpa.

- Podia ter dividido né.
- Não, o Levi sendo um leproso não é nenhuma novidade.
- Vai ficar de fora da bolotada.
- Tô de boa.
- Vou preparar aqui a bolotada pra vocês. Nenhum amigo meu pode ficar de cara. Quem vai querer primeiro?

A Ágda tá acendendo um cigarro do meu lado, só depois que acendi a porra desse Record que ela vai mostrar que tem uma carteira inteira de Lucky Strike e não vai dividir, ela só divide com quem pede diretamente a ela e olhe lá, bicha escrota

- Ágda, posso dar um trago desse teu cigarro?
- Hmmm... Não sei se você merece.
- Por favor.
- Tá, mas só porque sou boazinha.

Ah claro, pro Paulinho ela dá um trago, lógico que ela vai dar um trago pro Paulinho, ela dá qualquer coisa pra ele, filha da puta, quantas vezes a Ju não já chegou pra mim roxa de ciúme dessa gorda, o que é que esse mongolóide vê nela afinal? A Ju é linda,

estuda, família boa, passa férias na Europa, daí faz essa caridade de ficar com o Paulinho que é um lascado que não tem nem onde cair morto, ele devia agradecer, agradecer de joelhos por ter conseguido namorar a Ju, ela é a melhor coisa que podia acontecer na vida desse zé ninguém narigudo que precisa urgentemente fazer a barba, daí ele vai e trai ela com a Ágda, COM A ÁGDA! É muita falta de amor próprio uma coisa dessas, se tivesse ao menos traído comigo eu ficava calada, ou então com a Sara, ela parece dar mole pra ele de vez em quando, ou vai ver ela só é muito amigável sei lá, mas com a Ágda? Porra, por favor, se fode, mereceu levar um canavial de chifre da Ju né, se bem que ela já traía ele antes, mas enfim, trair é uma coisa, trair com a Ágda é um crime imperdoável

- Talita.

- Oi, Danilo.

- Tá tudo bem?

- Mano, assim né. Bem nunca tá. Ontem meu pai encheu meu saco porque encontrou uma grinha nas minhas coisas, ele nem devia tá mexendo nas minhas coisas, faço até uma aposta como ele tava procurando meu dichavador. Daí ele falou um monte de merda e eu só mandei ele tomar no cu, falei que ele

não tinha direito de falar nada que ele era um viciado pior que eu, eu comecei foi a rir, parece até que ninguém nessa bosta de família não é viciado em alguma coisa, daí ele veio querer bancar o valente pra mim, eu falei que era por isso que a mamãe não queria ele, o velho ficou bem caladinho.

- Caralho, sério?

- Foi. Ainda pedi dez reais pra ele e fui tomar uma dose mais o Zigoto o Xaruto e o Isaque.

- Vocês tomaram uma dose ontem?

- Foi, mas não conta pra ninguém não.

- Podiam ter me chamado.

- A gente podia né. Mas é aquela coisa, sobra mais pra gente.

- Ah sim... entendo.

- Desculpa. Outro dia a gente marca um rolê de dose só nosso.

- Beleza.

- Eu tava conversando com o Xaruto, a gente combinou que eu ia juntar grana pra morar com ele.

- Sério?

- Lógico.
- E você já começou a juntar?
- Eu tava mas gastei com dose. Vou começar a juntar depois que ele for.
- Poxa mas morar no Rio deve ser uma despesa grande né.
- Eu tava querendo que meu pai me comprasse um apartamento lá pra eu morar mais o Xaruto mas ele disse que a grana tá curta, fiquei puta de raiva, deve tá bem devendo pros colombianos, fico puta com isso, o velho gasta uma fortuna com pó, bota um monte de apartamento no nome das putas que ele come e não pode nem comprar um apartamentinho pra mim?
- Pesado isso.
- Esse fim de semana eu tenho que ir lá na minha mãe pegar rocha.
- Traz umas pra nós.
- E tu acha que eu não tenho aqui não?
- Mentira!
- Claro, meu filho, deixa eu só pegar minha mochila.

- Mah, preciso muito de uma rocha, tô pegando muita bad esses dias, tu não sabe o que me aconteceu, eu tava em casa...

O Danilo pegando bad como sempre né, vou nem querer saber o que foi que aconteceu com ele, vai ser alguma coisa a ver com a mãe dele ou então algum crush, ô bicho besta pra mulher esse Danilo, pelo menos é gatinho, dá pra dar uns beijo, mas é trouxa feito um condenado, trouxa, trouxa que só vai se fuder, deixa eu dar uma rocha aqui pra ele pra ver se ele esquece que é trouxa

...e ela não me respondeu mais, acredita?

- Poxa mano, que bad. Tá aqui a rocha.

- Olha quem chegou.

- O Xaruto?

- Não, Talita, chegou o homem que viu Deus.

- Ah, pensei que era o Xaruto. Espera, chegou quem?

- E aí, pessoal. Tudo bom com vocês?

- Ó o Calisto. Bora fumar esse bagui.

- Pois bote o seu, mermão. Tá pensando que é festa é?

- Espera, por que o Calisto é o homem que viu Deus?

- Valha, a Talita não conhece a história.

- Deixe quieto, deixe quieto.

- Deixe quieto nada, agora quero saber.

- Posso contar pra Talita?

- Ô mah.

- Ela vai saber de qualquer jeito, você querendo ou não.

- Pois pode contar.

- Pronto. Presta atenção, Talita. Um dia o Calisto achou que seria uma boa ideia diluir MD e injetar na veia.

- E num é não?

- Hehe talvez seja. Cara, pelo que ele me contou... Não, melhor tu contar, Calisto.

- Gosto de contar essa história não.

- Conte aí, conte.

- Ô mah. Tipo assim, eu peguei o cristal que eu tinha comprado do cara né, já tinha fumado antes mas veio um brother e contou que dava uma onda muito massa diluir e misturar pra injetar na veia. Beleza, fui testar.